

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

RENAN CASSÃO MARTINS

**A TRAJETÓRIA EMPRESARIAL DAS EMBALAGENS PLASZOM NO MUNICÍPIO
DE ORLEANS, SANTA CATARINA**

CRICIÚMA

2024

RENAN CASSÃO MARTINS

**A TRAJETÓRIA EMPRESARIAL DAS EMBALAGENS PLASZOM NO MUNICÍPIO
DE ORLEANS, SANTA CATARINA**

Projeto de pesquisa elaborado como cumprimento da disciplina de Monografia II, do curso do Curso de Ciências Econômicas, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Alcides Goularti Filho

CRICIÚMA

2024

RENAN CASSÃO MARTINS

**A TRAJETÓRIA EMPRESARIAL DAS EMBALAGENS PLASZOM NO MUNICÍPIO
DE ORLEANS, SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Ciências Econômicas da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Formação Econômica

Criciúma, 18 de junho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcides Goularti Filho - UNESC - Orientador

Prof. Me. Samuel Henrique Colombo Da Luz - UNESC/CEDUP

Prof. Me. Gabriel Crozetta Mazon - UNIBAVE

Dedico esta pesquisa aos trabalhadores e às trabalhadoras das indústrias plásticas de Santa Catarina.

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória empresarial das Embalagens Plaszom no município de Orleans, sendo abordado por três perspectivas teóricas: Smith e Schumpeter, Milton Santos, e Fernand Braudel. Fundada por Francisco Zomer em 1967, inspirado pelas indústrias plásticas de Joinville, a Plaszom iniciou com a produção de mangueiras de polietileno em Orleans, diversificou seu portfólio de produtos ao longo dos anos, expandiu sua capacidade fabril até que culminasse na formação do grupo empresarial FCO Group com abrangência nacional.

Palavras-chave: Formação econômica, indústrias plásticas, sul catarinense.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Orleans, Santa Catarina	17
Figura 2 – Centro urbano de Orleans em 1953.....	19
Figura 3 – Praça Celo Ramos.....	19
Figura 4 – Zomer Indústrias de Plásticos na década de 1970.....	22
Figura 5 – Vista aérea na década de 1970.....	22
Figura 6 – Plaszom 1994.....	23
Figura 7 – Obras de ampliação do setor administrativo 1995.....	24
Figura 8 – Vista aérea da unidade I na década de 2020.....	25
Figura 9 – Unidade II em 1993.....	26
Figura 10 – Unidade III em 1997.....	27
Figura 11 – Unidade III em 2004.....	27
Figura 12 – Unidade IV em 2019.....	28
Figura 13 – Unidade IV em 2019.....	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tamanho em m ² por unidade fabril em determinado ano.....	29
Tabela 2 – Evolução do quadro de trabalhadores (as).....	29
Tabela 3 – Comparativo entre produto transformado e faturado.....	31
Tabela 4 – Peso produzido em tonelada e exportado em 2023 por empresa	32
Tabela 5 – Peso em tonelada do segmento plástico em Orleans exportadas entre 1998 e 2023.....	32
Tabela 6 – Valor das operações por ano corrigidos por IPCA (Abril, 2024)	33
Tabela 7 – Valor corrigido pelo IPCA (Abril, 2024) de financiamento do BNDES feito pelas empresas do FCO Group.....	34

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. EMPRESAS E EMPRESÁRIOS	12
3. ORLEANS: ECONOMIA E SOCIEDADE	17
4. PLASZOM: A TRAJETÓRIA DE UMA EMPRESA	21
4.1. FUNDAÇÃO E AMPLIAÇÃO (1967 – 1990).....	21
4.2. EXPANSÃO PRODUTIVA (1991 – 2018)	25
4.2.1. Novas unidades.....	25
4.2.2. Trabalhadores e trabalhadoras.....	29
4.3. GRUPO EMPRESARIAL (2019 – 2024)	30
4.3.1. Capacidades produtivas e exportações	31
4.4. FINANCIAMENTO PÚBLICO.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A indústria plástica em Orleans, Santa Catarina, expressa um desenvolvimento que não ocorreu de modo isolado, mas, sim, precedido e influenciado por movimentos industriais externos a esta região. Hoje, Orleans abriga diversas indústrias plásticas, com destaque para a Plaszom, tema desta monografia, e outras empresas que continuam a moldar o panorama econômico local. Esta temática é relevante para se compreender os desdobramentos resultantes do setor plástico na Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC). Para tal, será abordada a partir de três perspectivas teóricas distintas: Smith e Schumpeter, a crítica-social através do arcabouço teórico socioespacial de Milton Santos e, por fim, a perspectiva braudeliana.

Portanto, serão analisadas as evidências empíricas relacionadas à evolução deste setor na região, identificando como os processos históricos e a influência do espaço geográfico desempenharam um papel crucial em seu desenvolvimento. Ao fazer-se isto, espera-se lançar luz sobre os mais diversos aspectos que estruturam a economia local e a sociedade orleanense. O advento da indústria plástica em Santa Catarina, deu-se no início da década de 40 na cidade de Joinville (GOULARTI FILHO, 2016) com a indústria hoje conhecida por Grupo Tigre. Enquanto na Região Sul do Estado chegou posteriormente, já na década de 60, como meio de diversificação industrial para além da exploração carbonífera (SCHEFFER, 2004).

Formou-se, no decorrer das décadas subseqüentes, um aglomerado de empresas do setor plástico na região que compreende as cidades de Criciúma, Içara, Urussanga, São Ludgero, Braço do Norte, Orleans e, de modo ainda incipiente, Lauro Müller. Estas indústrias se voltam à fabricação de descartáveis plásticos como copos, artigos para festas, sacolas e potes para armazenamento de alimentos. No município de Orleans, a indústria de descartáveis plásticos tem seu impulsionamento alavancado através da criação da empresa Zomer Indústria de Plásticos em 1967, atual Embalagens Plaszom. A princípio, a empresa fabricava mangueiras para uso agrícola e doméstico, havendo, então, acúmulo de capital, diversificou seu catálogo para a produção de filmes plásticos, etc. (TUROSSI et al., 2017).

Esta pesquisa tem como objetivo discorrer acerca da formação histórica da indústria plástica na região, além de contextualizar historicamente os fatores

econômicos e/ou geográficos que culminaram na criação e desenvolvimento das Embalagens Plaszom. Considerando de maneira pragmática aquilo que foi estruturante em cada período para sua consolidação como indústria e os paralelos político-sociais como políticas públicas nacionais e catarinenses que possam ter influenciado sua consolidação.

Este tema foi escolhido por consequência de restrições da vivência profissional. Embora se encontre conteúdo qualificado que verse sobre a formação econômica catarinense na totalidade, a situação não se repete no âmbito da história das empresas locais. É um setor crescente, que tem visado à introdução de novas tecnologias que facilitem o manuseio alimentício. Tal ramo de atividade, a produção e distribuição de alimentos, está intimamente ligada ao setor plástico, gerando valor agregado através do aumento da durabilidade dos alimentos.

Este trabalho consiste em uma pesquisa de natureza aplicada e abordagem qualitativa. Quanto aos fins da pesquisa, ela transcorre de maneira descritiva e explicativa, buscando detalhar as características e dinâmicas do setor em Orleans. No que diz respeito aos meios, será realizado um levantamento bibliográfico para embasar a fundamentação teórica, além de uma análise documental para coleta de dados históricos e informações relevantes sobre a indústria de descartáveis plásticos na região.

Para alcançar esse objetivo, a primeira parte da pesquisa se dará de maneira gradual, iniciando-se com a contextualização histórica da fundação do município orleanense, bem como os fatos estruturantes que permitiram o desenvolvimento industrial nesta região. Serão considerados o modo o qual se sucedeu à colonização do município, bem como a relação indissociável que a região mantém com o carvão mineral. Posteriormente, será detalhado cronologicamente, conforme as décadas, fatos elementares que alicerçaram o desenvolvimento econômico e institucional das Embalagens Plaszom. Efetuando-se análise de dados que evidenciem o seu crescimento produtivo em toneladas, número de trabalhadores e suas estratificações, como a participação das mulheres no corpo de trabalhadores.

Por fim, serão discutidas as questões que tangem à ampliação da empresa e seu pátio fabril, abertura de novas unidades produtivas, maquinários utilizados e principais produtos de seu portfólio para exemplificação. Assim como mudanças na orientação produtiva ao longo das décadas que definiram o atual aspecto empresarial.

Será ainda abordado empresas que surgiram a partir na Plaszom que constituem o conglomerado empresarial FCO Group.

2. EMPRESAS E EMPRESÁRIOS

A análise da trajetória empresarial da Plaszom em Orleans, Santa Catarina, será abordada por três perspectivas. A primeira, pelas abordagens teóricas de Smith e Schumpeter. Por este viés, é dado ao empresário o mérito pela trajetória de sucesso, guiada por tino empresarial inato (GOULARTI FILHO, 2023), embora não seja unicamente empresário o fator determinante para a consolidação de uma empresa, mas toda uma conjuntura político-social que se insere num determinado espaço geográfico.

Através da perspectiva smithiana conclui-se que é a conduta parcimoniosa, não estritamente o trabalho, a origem do acúmulo de capital, ou seja, “o trabalho fornece o objeto que a parcimônia acumula”, (SMITH, 2016, p. 339). Quando isto é tangenciado à história das empresas, põem-se holofotes sobre a figura do empresário, confundindo-se sua trajetória pessoal com a história da empresa por ele fundada. Sendo o seu sucesso empresarial a recompensa de sua dedicação e austeridade (GOULARTI FILHO, 2023).

A abordagem smithiana aproxima-se do conceito que posteriormente foi designado ao pensamento de Joseph Schumpeter, o empresário inovador. Pois foi da concatenação de ambas as ideias que se formou a conceitualização deste empresário bem-sucedido que visa à inovação como origem de seu sucesso (GOULARTI FILHO, 2023). Para Joseph Alois Schumpeter, no âmbito do desenvolvimento econômico, a figura do empresário inovador é sobressalente em sua teoria. Em suma, é definido por empresário aquele que está engajado na realização de um empreendimento, sendo explicitado em A Teoria do Desenvolvimento Econômico como:

Chamamos “empreendimento” à realização de combinações novas; chamamos “empresários” aos indivíduos cuja função é realizá-las. Esses conceitos são há um tempo mais amplo e mais restritos do que no uso comum (SCHUMPETER, 1911).

Tais combinações novas estão engendradas a cinco conceitos processuais da inovação. Primeiro, compreendem a introdução de novos bens de consumo. Em segundo, englobam a implementação de novos métodos produtivos. O terceiro aspecto diz respeito à abertura de novos mercados. O quarto elemento abrange a obtenção de novas fontes de matérias-primas. Por último, o quinto conceito, que

envolve o estabelecimento de novas estruturas organizacionais em diversas indústrias (SCHUMPETER, 1911).

Na segunda abordagem será recorrida à concepção crítico-social da formação socioespacial desenvolvida por Milton Santos na década de 1970, um modo de compreender a evolução das sociedades como indissociáveis das forças externas, ou seja, “o espaço”, que segundo Milton Santos, “ele mesmo, é social”. Conforme explicitado por Milton Santos no artigo *Sociedade e Espaço: A formação social como teoria e como método* (1977), a conceitualização de Formação Econômica e Social (F.E.S) foi elaborada por Marx e Engels. Embora há muito já integrada ao trabalho intelectual, Santos, na época, sinalizou esta compreensão como reducionista, sendo necessário incorporar a ideia do espaço geográfico:

Trata-se de fato de uma categoria de Formação Econômica, Social e Espacial mais do que de uma simples Formação Econômica e Social (F.E.S.), tal qual foi interpretada até hoje. Aceitá-la deveria permitir aceitar o erro da interpretação dualista das relações Homem-Natureza. Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma segunda-natureza, como Marx a chamou (SANTOS, 1977).

Ao considerar-se a permanência, ou não, dos aspectos que culminam no desenvolvimento histórico, o construto teórico da formação socioespacial esforça-se em representar integralmente os mais diversos âmbitos da vida em sociedade. “A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço, isto é, pelos dados que dependem diretamente da formação social atual, mas também das F.E.S. permanentes” (SANTOS, 1977, p. 10).

Milton Santos (1977, p. 4) descreve a pertinência do estudo da formação econômica como a viabilidade de assimilar “o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução”. Ou seja, cada esfera da formação econômica deve ser delimitada, uma parte isolada que integra um todo dentro de um contexto abrangente.

A formação econômica, inserida invariavelmente no escopo histórico, é indissociável do contexto social e espacial. Santos (1977), traça uma relação de complementaridade entre modo produção, formação econômica e espaço. Ele disserta que estes processos que “formam o modo de produção (...) são histórica e

espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto mediante uma formação social.” (SANTOS, 1977, p. 6).

A organização do modo de produção diverge de um local para outro, o que, por conseguinte, estabelece idiosincrasias geográficas, embora mantenham consonância com a ordem internacional. Logo, em diferentes lugares, os patamares de desenvolvimento produtivo são assimétricos entre si. São eles assim em virtude não apenas dos aspectos quantitativos e qualitativos, mas também pela forma a qual eles foram dispostos em cada sociedade (SANTOS, 1974).

O espaço geográfico onde sucede cada período de desenvolvimento do modo produção é influenciado tanto pela demanda externa quanto interna a depender também das circunstâncias históricas próprias de determinada época. Portanto, a evolução do espaço é, concomitantemente, “um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global”, na qual a formação social propriamente dita apenas se torna plena “por uma metamorfose onde o espaço representa o primeiro papel.” (SANTOS, 1977, p. 8).

O espaço, conforme Milton Santos (1977), reflete e influencia a sociedade, ao passo que é condicionado por múltiplas demandas da ordem estrutural, conforme explicado no trecho a seguir:

“O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidade sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos.” (SANTOS, 1977).

Por fim, a terceira abordagem será feita através da perspectiva Braudeliana, que compreende, como uma questão recorrente da história econômica, aquilo que é contínuo e aquilo que é descontínuo. Quanto à *descontinuidade estrutural* manifestada em rupturas com o atual estado social (BRAUDEL, 1992). No âmbito empresarial, estas permanências e descontinuidades vem à tona na amplificação de sua influência regional, diversificação de produção e investimentos (GOULARTI FILHO, 2023). Para Fernand Braudel, a história econômica está muito mais interessada nos longos ciclos, ou seja, um olhar atento sobre aqueles fatos que tendem à permanência através de anos, uma vez que são nestes períodos duradouros em que atua uma *civilização econômica* (BRAUDEL, 1992).

O que é relevante compreender numa pesquisa sobre uma empresa longeva são os fatos estruturantes sobre os quais se alicerçam seu crescimento, não pondo à parte “seu caráter cultural e político”, embora estes dois aspectos não possam ser tratados como protagonistas. Tampouco a figura do empresário é renegada pela abordagem braudeliana, porém sua importância, dá-se nos primórdios da empresa (GOULARTI FILHO, 2023).

A indústria plástica, em Orleans, não teve seu advento de modo isolado em Santa Catarina. O processo de formação desta indústria ocorreu vinte e seis anos antes em Joinville, “quando João Hansen Júnior, da Companhia Hansen, atual Tigre, comprou uma pequena fábrica de pentes de chifre” e no ano de 1963 dá início à Cipla com a produção de mangueiras e outros complementos plásticos (GOULARTI, 2016). Entretanto, a produção de plásticos, no sentido estrito, iniciou-se em 1952 com a produção de mangueiras de PVC e “em 1958 tubos de PVC roscáveis e conexões para atender o crescente mercado urbano de água e saneamento” (GOULARTI, 2016).

Tampouco, a indústria joinvilense foi a única que precedeu a Plásticos Zomer na Região Sul de Santa Catarina. Em 1962, em São Ludgero, criou-se uma “uma fábrica de calçados e chinelos de PVC, constituída por 10 sócios”, (GASTALDON, 2000, p. 71). Embora a empresa não tenha prosperado, sucedeu que “em maio de 1970 essa empresa mudou para a produção de embalagens, já com o nome de INCOPLAST” (GASTALDON, 2000, p. 71). Além das influências internas à formação do setor de plásticos descartáveis em Orleans e região, houve, também, os estímulos do setor petroquímico gaúcho. Este fato é evidenciado por Goularti (2016, p. 255) no livro Formação Econômica de Santa Catarina, “a origem do da indústria plástica no sul do estado tem a ver com a expansão do complexo petroquímico de Canoas (RS), na Grande Porto Alegre (...)”.

Gastaldon (2000) estabelece em sua dissertação um conjunto de seis municípios, Içara, Criciúma, Urussanga, Siderópolis, Orleans e São Ludgero, como sendo os municípios do sul catarinense envolvidos na indústria plástica. Tais cidades estão associadas direta ou indiretamente ao setor carbonífero que experimentou nos primórdios dos anos 1990 uma “agudização da crise (...) com o fim dos subsídios ao carvão, abertura à importação, privatizações (Companhia Siderúrgica Nacional, Rede Ferroviária) e fechamento de empresas estatais (Indústria Carboquímica Catarinense)”. A crise do carvão já dava indícios em 1986 com a diminuição na

produção e na oferta de empregos. Todavia, quando ela ocorreu, deu-se no palco da crise econômica desdobrada no Governo Collor que afetou integralmente o parque fabril nacional. A crise não afetou ainda mais a região devido à diversificação econômica em processo desde 1970 (GOULARTI, 2016).

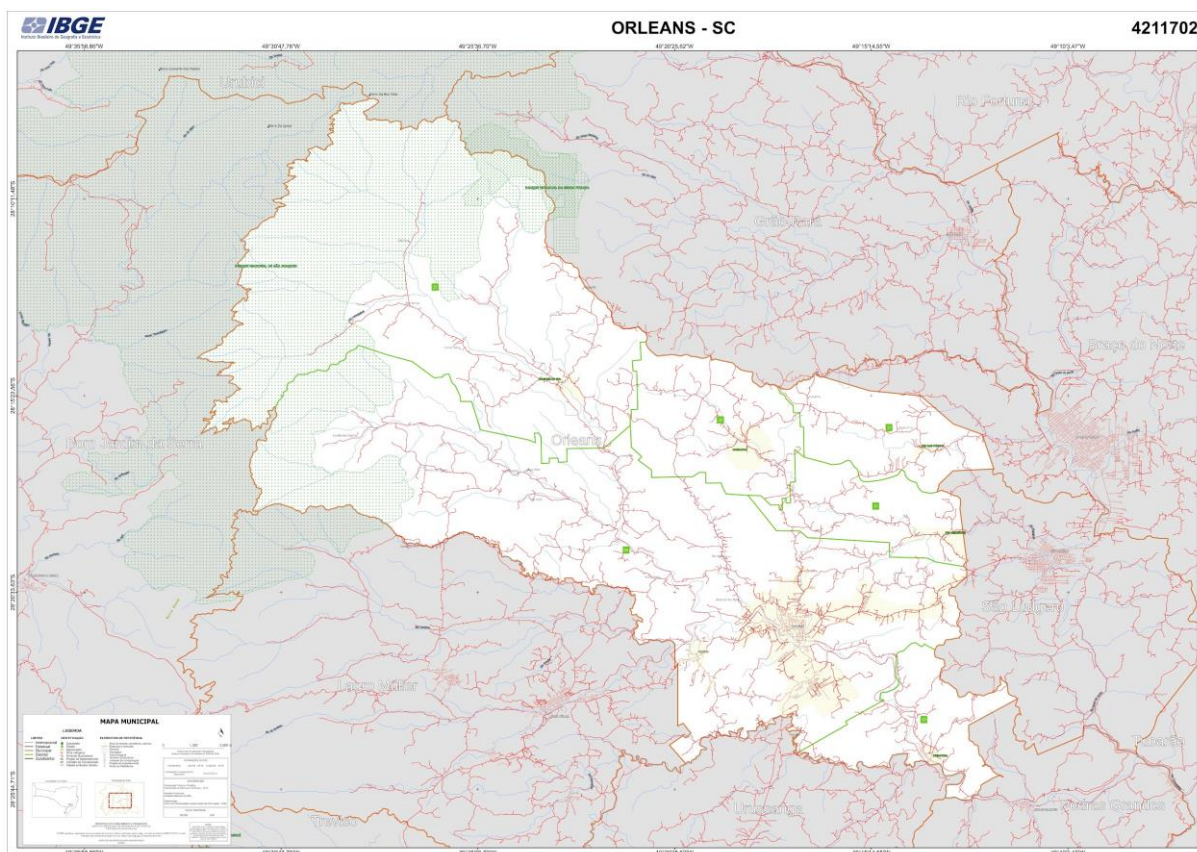
Dentre os setores econômico-industrial proeminentes na região, o advento da indústria plástica na região sul, deu-se de maneira independente do setor carbonífero. A indústria de confecção de roupas, por exemplo, assimilou a mão de obra feminina que não era incorporada ao trabalho braçal da mineração. Além do enlaçamento de parte do setor cerâmico ao carvão, como foi o caso das empresas, ainda naquela época, Cecrisa, Portinari, Incocesa. Dada, então, esta conjuntura, é realçada a relevância regional do setor plástico na Região Sul. Sobretudo na geração de renda, emprego e valor adicionado (GASTALDON, 2000).

Segundo relatório apresentado pelo Observatório UNESC (2020), a fabricação de materiais plásticos consta na 3ª posição do valor adicionado dos 20 principais setores econômicos da Região Carbonífera em 2018 com 7% de participação, apenas atrás da produção primária (9%) e indústria cerâmica (14%), mantendo esta posição desde 2006. O setor plástico tem apresentado relevância na região sul, o Observatório FIESC evidencia que em 2022 na região havia 10.759 postos de trabalho em 285 estabelecimentos no setor de produtos químicos e plásticos. Havendo em Orleans 2.083 postos ocupados em 31 estabelecimentos (Observatório FIESC, 2024). Em Orleans destacam-se outras indústrias plásticas além das empresas do FCO Group, são elas a Copozan, Orleplast, Liplast, Libreplast e Itplast.

3. ORLEANS: ECONOMIA E SOCIEDADE

Orleans é um município com população de 23.661 pessoas, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022. O Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes foi de R\$ 1,2 bilhões em 2021, sendo o PIB per capita de R\$ 51.296,22, colocando o município na 96ª posição dentre os municípios catarinenses. Orleans ocupa um território de 549,859 km², sendo 7,34 km² de área urbanizada em 2019, compartilhando seus limites com Bom Jardim da Serra, Braço do Norte, Grão-Pará, Lauro Müller, Pedras Grandes, São Ludgero, Urubici e Urussanga, conforme está evidenciado na figura 1 (IBGE, 2024).

Figura 1: Mapa de Orleans, Santa Catarina



Fonte: IBGE, 2024

As imediações, hoje conhecidas como Orleans, têm suas fundações históricas remontadas ao Brasil Imperial. Estas terras já ganhavam atenção dos sertanistas que esperavam encontrar, no vasto município de Laguna, minérios preciosos como ouro ou prata. Entretanto, o minério descoberto na região foi o carvão através das comitivas

de tropeiros serranos por volta do ano de 1780. As tropas abriam caminho através da Serra para que se chegassem às novas povoações no Planalto Serrano, ou seja, Vacaria, Curitiba e Lages. E encontraram o carvão mineral por acaso, quando perceberam “queimar as pedras de suas trempes”. (DALL’ALBA, 1986).

Bossle (1981) menciona que após constatação dos grandes volumes de carvão na região, Visconde de Barbacena trata de pedir aquisição, em 1860 ao Conselho de Estado, das terras da Cabeceira do Rio Tubarão, sendo oficializado em 6 de fevereiro de 1861. Firmou-se, então, contrato que dava direito a lavra do carvão-de-pedra e a criação de uma companhia nacional ou estrangeira dentro do prazo de 2 anos para realizar a exploração do mineral. O prazo foi paulatinamente sendo estendido a próprio pedido do Visconde, para que o início da mineração se desse junto à inauguração da Estrada de Ferro Donna Thereza Christina (BOSSLE, 1981).

Em 1885 já se deu início à derrubada da mata e abertura de ruas para instauração da colônia de Orleans e ao fim daquele ano a localidade já contava com um clube recreativo. Em poucos anos a colônia exportava madeira, milho, feijão, açúcar e cachaça, além de banha e carne salgada. Até 1888, Orleans estava submetida ao regime especial de colônia, quando uma lei municipal de Tubarão criou o Distrito de Orleans, o que possibilitaria alguma autonomia à localidade (DALL’ALBA, 1986).

No ano seguinte à Proclamação da República, 1890, entrou em vigor a Lei Glicério, o que possibilitou algum crescimento da população através da imigração, sobretudo poloneses, o que não permaneceu por longo período, já que 1892 emergiu a Revolução Federalista, interrompendo o fluxo migratório de estrangeiros para a região. Entretanto, em 1900 imigrantes italianos vindos de Azambuja e Urussanga motivados a trabalhar nas minas de carvão vieram para a região (DALL’ALBA, 1986).

Orleans tornou-se município em 30 de agosto de 1913, integrava aos seus domínios os atuais municípios de Lauro Müller, Grão-Pará, partes de São Ludgero, a sesmaria dos Pacheco e a colônia de Armazém. Durante a Primeira Guerra Mundial, a localidade de Lauro Müller experimentou um crescimento econômico que supera o de Orleans devido ao acréscimo da demanda de carvão, tornando-se entreposto comercial entre as colônias e a Serra (DALL’ALBA, 1986).

Todavia, com abertura de minas por volta de 1918 em Urussanga, Criciúma e Araranguá, Orleans não mais detém o monopólio de carvão na região. Orleans entra em período de estagnação econômica, muitas famílias de imigrantes letos e alemães

deixam a região, evasão que perdura até a década de 1960. Então, diante da baixa perspectiva econômica, Lauro Müller e Grão-Pará são emancipados como município já no final da década de 1950, figuras 2 e 3 fazem o comparativo do centro urbano de Orleans em 1953 e 2024 com destaque para Igreja Matriz (DALL'ALBA, 1986).

Figura 2: Centro urbano de Orleans em 1953



Fonte: IBGE, 2024

Figura 3: Praça Celso Ramos



Fonte: Site Viagens e Caminhos

As primeiras indústrias em Orleans surgem no âmbito familiar, são pequenas produções de engenho de açúcar e farinha de mandioca. Posteriormente, surgem fábricas de banha de porco, olarias com a produção de tijolos e telhas, além de tafonas, serrarias, sapatarias, padarias e alambiques. Também se dá início a uma produção de caixas de charutos de Hugo Frankberg, a uma fábrica de móveis e a uma indústria de colchões por Zeferino Zomer. Além da Carrocerias Orleans de Irmãos Librelato e a Zomer Indústria de Plásticos em 1967 (DALL'ALBA, 1986).

4. PLASZOM: A TRAJETÓRIA DE UMA EMPRESA

Ainda que a história de uma empresa pareça estar entremeada com a biografia de seu fundador, são percursos distintos sob a ótica da Economia, pois há incontáveis interações políticas, sociais e econômicas que ultrapassam o poder de qualquer brilhantismo empresarial. Mesmo assim, não é possível que se desconsidere o papel deste empresário como força geradora que tomou a iniciativa do negócio, ou ainda uma figura que faz parte do mito fundador que personifica a visão e a cultura organizacional. Em vista disso, a história da Plaszom se confunde não apenas com a trajetória de Francisco Zomer, o fundador, mas também com a trajetória das centenas de trabalhadores que fazem ou já fizeram parte desta empresa.

4.1. FUNDAÇÃO E AMPLIAÇÃO (1967 – 1990)

Havendo conhecimento das bem-sucedidas indústrias plásticas na região de Joinville, em 10 de outubro de 1967, Francisco Zomer funda sua própria fábrica de mangueiras de polietileno após fazer visita à produção de uma destas indústrias. Para dar início ao seu empreendimento, ele adquire em São Paulo o maquinário necessário para a fabricação das mangueiras e produz junto um trabalhador durante a noite, pois havia limitações no abastecimento elétrico em Orleans naquela época, que não permitiam produzir os 100 metros diários de mangueira (50 anos: Embalagens Plaszom, 2017).

A Plaszom surge no contexto de uma política desenvolvimentista em Santa Catarina inaugurada por Irineu Bornhausen em 1955. No ano de sua fundação, o governo do estado era encabeçado por Ivo Silveira, que elaborou o PLAMEG II, uma continuação do PLAMEG do governo Celso Ramos. Este plano destinou 77% de seu orçamento à expansão econômica, especialmente para industrialização e transportes e energia elétrica (GOULARTI, 2016).

Nos anos iniciais da Plaszom, a empresa sofria com o abastecimento elétrico deficitário. Tal situação impossibilitava manter o ritmo constante de produção exigido pelo processo de fabricação das mangueiras, isto foi resolvido apenas em 1974 com a chegada da CELESC em Orleans. Nesta época, Francisco Zomer havia sido eleito como prefeito de Orleans, ele toma esta questão do desabastecimento elétrico como

uma de suas principais demandas de sua gestão (ZOMER, 2013). Esta deficiência na rede elétrica era uma questão a ser superada para o avanço industrial em Santa Catarina. Se no início na década de 1960 o estado dispunha 84.552 kW, em 1970 elevou sua capacidade para 250.458 kW (GOULARTI, 2016).

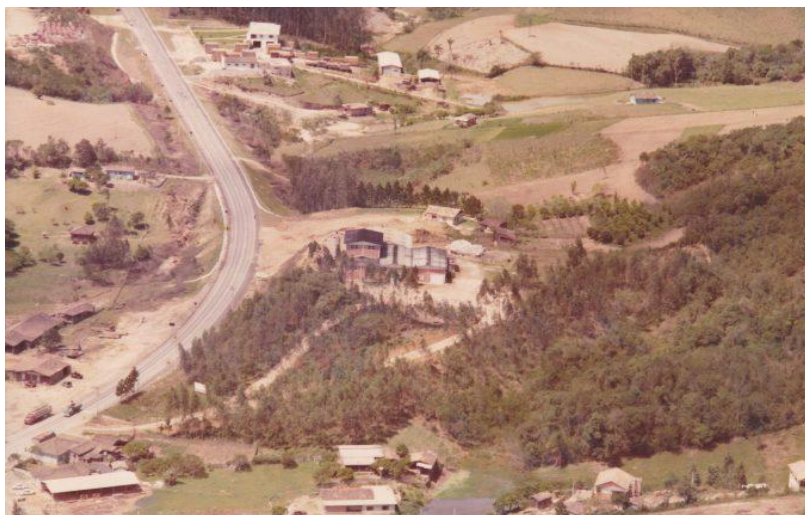
Em 1972 acontece a primeira expansão de seu pátio fabril, figura 4 e 5, a Zomer Indústria de Plásticos abandona seu berço de nascimento e muda-se para um galpão construído na Rodovia SC-446, onde permanece até hoje sua base administrativa (DALL'ALBA, 1986). Neste mesmo ano, motivado por dificuldades financeiras, Francisco Zomer decide descentralizar o capital, sendo admitidos dois acionistas, que são João Zomer, como diretor administrativo e Ascendino Zomer, como diretor comercial (O Pla, 1994).

Figura 4: Zomer Indústria de Plásticos na década de 1970



Fonte: Acervo Embalagens Plaszom, 2024

Figura 5: Vista aérea na década de 1970



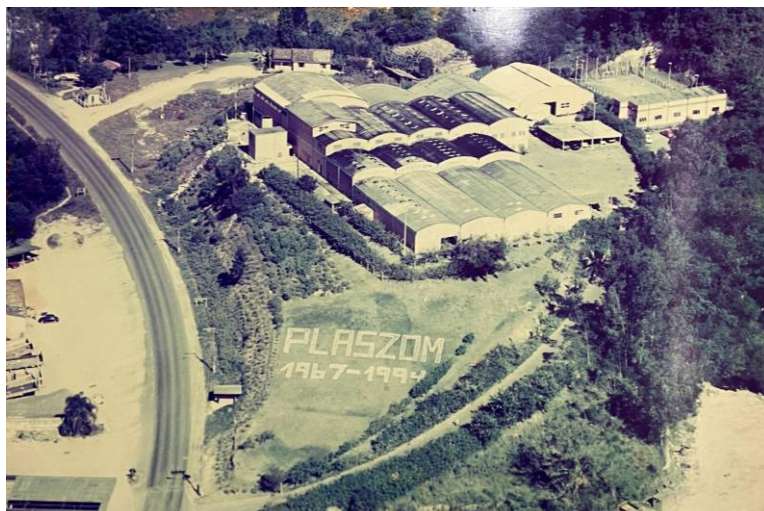
Fonte: Acervo Embalagens Plaszom, 2024

Durante esta primeira década da Plaszom, Santa Catarina e suas indústrias foram beneficiadas pela pavimentação de 767 km de estradas. Goularti Filho (2005) descreve que durante o governo Colombo M. Salles, 159 km de rodovias foram pavimentadas e houve de outras 565 km de estradas foram construídas. Enquanto no governo Antonio C. Konder Reis mais outros 608 km de estradas foram pavimentados. Chega-se, então, a 1985 com 47,6% das rodovias estaduais asfaltadas contra os 5,5% de 1975 (GOULARTI FILHO, 2005)

No ano de 1976 ocorreram ampliações em seu portfólio de produtos com a aquisição de máquinas produtoras de filmes plásticos destinados a atender o setor arroseiro. Esta diversificação produtiva mostrou-se definidora nos próximos anos, já que o segmento de filmes plásticos passou a dominar sua produção, ao menos nesta primeira unidade fabril, já que outras foram inauguradas nas décadas seguintes com produções especializadas em segmentos diversos (50 anos: Embalagens Plaszom, 2017).

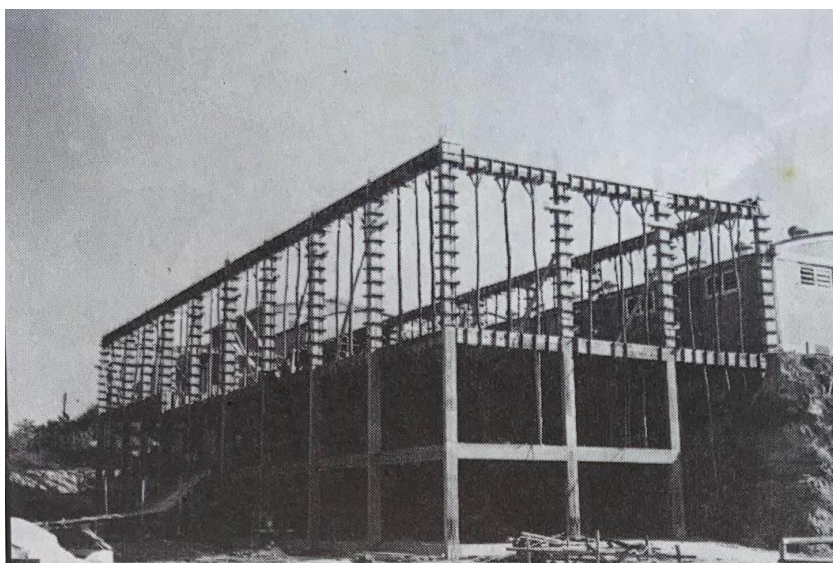
Em 1977 ocorre outra expansão na fábrica, é construído um depósito e novo pavilhão para a fabricação das mangueiras. Neste mesmo período, deu-se início a edificação do setor de expedição. A figura 6 ilustra estas obras já finalizadas, permanecendo deste modo até 1995 quando há novas ampliações nos setores de impressão e área administrativa conforme figura 7.

Figura 6: Plaszom, 1994



Fonte: Acervo Embalagens Plaszom 2024

Figura 7: Obras de ampliação do setor administrativo, 1995



Fonte: Acervo Embalagens Plaszom 2024

Em 25 de maio de 1985, a Zomer Indústria de Plásticos deixa de assim ser chamada e altera seu nome para o atual Plaszom Zomer Indústria de Plásticos (O Pla, 1994). Em 1985 contava em seu portfólio mangueiras, filmes plásticos para embalagens e sacos, além de peças injetadas como baldes e potes. Neste mesmo ano havia 85 operários que produziam mensalmente 50 toneladas de produtos plásticos, atendendo diversas regiões do país (DALL'ALBA, 1986).

No mês de janeiro de 1988, morre um dos sócios, João Zomer que naquela época era o diretor comercial, em seu lugar assume Luzia Coelho Zomer, sua esposa.

Um ano após, em 1989, dá-se início à construção da sede da Associação Atlética Plaszom, concluída em 1992, importante na cultura interna da empresa, que tem promovido desde então eventos esportivos entre os seus trabalhadores. Em dezembro de 1990, a década foi finalizada com a criação do Departamento de Recursos Humanos.

4.2. EXPANSÃO PRODUTIVA (1991 – 2018)

O início da década de 1990 marca importantes ampliações e aprimoramentos institucionais. Em 1991 começa a construção de seu segundo pátio fabril, que será evidenciado no próximo capítulo. Enquanto em 1992 é comprado novos maquinários para o setor produtivo, aquisições de caminhões para criação da frota do departamento de transportes e dois veículos para uso do setor comercial e financeiro. Sendo criado neste mesmo ano a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA).

Para além disto, foi em 1993 que se deu início à informatização dos controles estatísticos de produção, uma ferramenta desenvolvida por uma necessidade do sistema de gestão de qualidade. Ao final de 1994, a empresa já observava sensivelmente o melhor gerenciamento de seus processos, controle de perdas e redução de seus custos.

4.2.1. Novas unidades

O processo de expansão produtiva das Embalagens Plaszom não sucedeu simplesmente através da ampliação de seu pátio fabril original, como ilustra a figura 8, muito embora este local tenha sido ampliado diversas vezes, sentiu-se a necessidade de um desmembramento. A partir da primeira planta, segmentaram-se outras 3 unidades especializadas em linhas de produtos diversos entre si, sendo respectivamente chamadas de Unidade I, II, III e IV.

Figura 8: Vista aérea da Unidade I na década de 2020



Fonte: Site Embalagens Plaszom, 2024

Apesar de cada unidade contar com seu próprio corpo gerencial, administrativo e comercial, algumas atividades são unificadas na Unidade I da Plaszom como setor financeiro, contabilidade, jurídico, departamento pessoal, recursos humanos, tecnologia da informação, etc. A centralização dessas atividades administrativas operacionais é possível pela aproximação geográfica de cada fábrica, que se distanciam entre si por poucos quilômetros ao longo da Rodovia SC 108.

A Unidade I, a qual é a primeira unidade de todas as quatro, tem sua produção orientada às embalagens plásticas de polietileno (PE), polipropileno (PP), polipropileno bi-orientado (BOPP), politereftalato de etileno (PET), polietileno monorientado (MOPE) e substrato celulósico, havendo a possibilidade de impressão em flexografia e rotogravura para atender o segmento alimentício, limpeza e higiene e nutrição animal. Por fim, em 2024, já havia 15.500 m² de área construída.

Em outubro de 1993 ocorreu o primeiro desmembramento produtivo com 2.400 m² de área construída, sendo até 1997 ampliado para 5.025 m² e 115 trabalhadores. A Unidade II, construída entre Orleans e Urussanga, teve seu foco inicial na produção de sacolas plásticas para suprir a demanda do setor varejista e atacado. Até 2017 já havia expandido sua planta para 5.116 m² de área construída, ampliando mais uma vez 2023 para uma área de 8450 m². Diversificou seu portfólio para além das sacolas e sacos de lixo, produzindo atualmente capa plástica para fardos, sacos valvulados (para sal, argamassa e envase de resinas) e filmes técnicos (para o segmento alimentício). A figura 9 retrata a Unidade II no seu ano de abertura.

Figura 9: Unidade II em 1993



Fonte: Acervo Embalagens Plaszom 2024

Em 1997, dá-se início à fábrica da Unidade III em Orleans, com 2.400 m² de área construída e 25 trabalhadores. Esta unidade produz embalagens rígidas termoformadas (potes, tampas e copos) impressas ou não para atender sobretudo o setor alimentício industrial. Em 2004, a fábrica já havia sido ampliada para 8.490 m² e 170 trabalhadores, havendo, por fim, outra ampliação em 2023 para 11.750 m². Diversificou seu catálogo de produtos para termorrígidos injetáveis, além de potes de alta barreira. Figura 10 mostra a Unidade III no ano de 1997 e figura 11 em 2004, já com o novo pavilhão na parte posterior.

Figura 10: Unidade III em 1997



Fonte: Acervo Embalagens Plaszom 2024

Figura 11: Unidade III em 2004



Fonte: Acervo Embalagens Plaszom 2024

Em 2018 ocorreu a abertura da última unidade das Embalagens Plaszom, ao lado da Unidade II, sendo construídos 3.300 m² de pátio fabril, conforme mostrado na figura 12. A Unidade IV surge diretamente como uma realocação produtiva de um dos segmentos da Unidade III, que é voltado ao atacado de *kits* de potes e tampas, além de copos. Posteriormente, em 2020, a linha de copos foi descontinuada, dando lugar a um novo segmento voltado ao fornecimento industrial de PET e bandejas em PP para envase de proteína animal. Neste mesmo ano, a planta foi expandida para 10.400 m² como ilustra a figura 13, sendo a área contornada em vermelho o primeiro pavilhão antes da expansão.

Figura 12: Unidade IV em 2019



Fonte: Acervo Embalagens Plaszom 2024

Figura 13: Unidade IV em 2019



Fonte: Google Earth, 2024

Para melhor organização e visualização, a tabela 1 mostra o tamanho em metros quadrados de cada unidade por unidade da Plaszom em determinado ano.

Tabela 1: Tamanho em m² por unidade fabril em determinado ano

Unidade I			
Ano	1972	1974	2024
Tamanho (m ²)	12.825	15.500	16.880
Unidade II			
Ano	1993	1997	2023
Tamanho (m ²)	2.400	5.025	8.450
Unidade III			
Ano	1997	2004	2023
Tamanho (m ²)	2.400	8.704	11.750
Unidade IV			
Ano	—	2018	2021
Tamanho (m ²)	—	3.300	10.400

Fonte: Embalagens Plaszom, O Pla (1994,2000), Plaszom 50 Anos.

4.2.2. Trabalhadores e trabalhadoras

A maior expansão do quadro de trabalhadores na Plaszom ocorreu na década de 1990, tabela 2. Iniciou-se o decênio com aproximadamente 195 pessoas em seu

quadro laboral, começando no novo milênio com 1000 trabalhadores. Isto sucedeu-se devido às ampliações significativas em suas plantas, elevando a necessidade de pessoas nos setores produtivos, departamento administrativo e comercial, além da criação e expansão de novos setores como transporte, qualidade, laboratório e tecnologia da informação.

Tabela 2: Evolução do quadro de trabalhadores(as)

Ano	Número de trabalhadores
1986	85
1994	220
1997	500
2004	1000
2014	920
2017	900
2024	1234

Fonte: Embalagens Plaszom, O Pla, Plaszom 50 Anos

Dados de 2024, mostram que o atual número de trabalhadores na Plaszom é de 1.234 pessoas, distribuídos entre 781 homens, representando 63,30% do quadro, e 453 mulheres, correspondendo a 36,70%. Em editorial jornalístico de 2015 publicado pelo Sulinfoco em comemoração aos 48 anos de fundação da empresa, é descrito que havia 30% de trabalhadoras empregadas. A manutenção desta proporção entre homens e mulheres pode revelar uma tradição industrial e cultural que propicie a contratação masculina, sobretudo em determinados setores produtivos.

4.3. GRUPO EMPRESARIAL (2019 – 2024)

A formação do grupo empresarial, denominado FCO Group, sucedeu de modo a ampliar sua capacidade produtiva no segmento das embalagens plásticas, além da verticalização de certos processos produtivos e meios de transporte do produto finalizado. A ampliação do grupo para outros estados permitiu também a aproximação do grupo de certos nichos de clientes considerados estratégicos no âmbito nacional, com abertura de empresas nas regiões norte e nordeste.

O embrião da formação do FCO Group nasce com a aquisição da Parnaplast Embalagens em Araucária, Paraná, fundada em 1974 pela família Zimmermann. A empresa também atua no segmento de embalagens plásticas, hoje conta com 310 trabalhadores e aproximadamente 20.000 m² de área construída. Posteriormente, é fundada em Orleans a GDM Plásticos em 2006, em que se desmembrou em duas unidades, a primeira em 2011 em Maceió, Alagoas e a segunda em Manaus, Amazonas em 2015. A MDG Filmes dá início a sua produção em 2020 também em Manaus. Além destas empresas diretamente associadas ao segmento plástico há a Inbrasel fabricante de seladoras de bandejas plásticas e também a DMG Log que é uma transportadora. Nascendo formalmente, então, em 2020 a FCO Group.

4.3.1. Capacidades produtivas e exportações

Em 2023 a Plaszom transformou 127.100 toneladas de resinas plásticas em material transformado, sendo faturadas 39.810,82 toneladas ao fim do mesmo ano, como indicado na tabela 3. Esta diferença entre total transformado e faturado, pode ser explicada por alguns fatores, são eles a taxa de não aproveitamento (aparas) e estocagem de produto. Embora a taxa de apara seja de 3% em média, pode variar até 70% a depender do tipo de processo produtivo. Estas aparas, em sua maioria, retornam ao início do processo produtivo através do processo de moagem. Em relação ao peso total de faturamento, o volume de exportações ainda é considerado modesto, a empresa exportou 1.400 toneladas (3,52% do faturamento) para Bolívia, Paraguai e Uruguai. As exportações realizadas são de produtos diversos como embalagens alimentícias, sacolas plásticas, potes e tampas e bandejas.

Tabela 3: Comparativo entre produto transformado e faturado

Ano	Transformado (ton)	Faturado (ton)
2017	—	34.011,52
2018	—	34.583,04
2019	105.131,95	33.916,71
2020	116.993,02	37.924,93
2021	111.623,40	36.045,76
2022	121.872,19	38.078,77
2023	127.099,32	39.810,82

Fonte: Embalagens Plaszom, 2024

Em 2023 a capacidade estimada de matéria prima transformada do FCO Group foi de 190.900 toneladas e 2.200 trabalhadores em 10 plantas produtivas. Abaixo, segue a tabela 4 fazendo o comparativo de material plástico transformado e exportado para Colômbia, Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, Costa Rica, Bolívia, Gana, Portugal, Espanha, Estados Unidos, México, República Dominicana, Equador e Porto Rico.

Tabela 4: Peso produzido em tonelada e exportado em 2023 por empresa

Empresa	Transformado	Exportado
Plaszom	127.100	1.400
Parnaplast	16.700	700
GDM Plásticos / MDG Filmes	47.100	8.300
Total	190.900	10.400,00

Fonte: Embalagens Plaszom, 2024.

Logo abaixo na tabela 5, segue a evolução do crescimento das exportações do segmento plástico o qual a Plaszom está inserida. Observa-se que o aumento nas exportações acentuou-se a partir de 2015, crescendo ano a ano de maneira regular.

Tabela 5: Peso em tonelada do segmento plástico em Orleans exportadas entre 1998 e 2023

ANO	PESO (ton)
1998	13,81
1999	14,72
2000	15,58
2001	16,67
2002	23,52
2003	26,94
2004	30,48
2005	27,85
2006	14,21
2007	28,46
2008	33,49
2009	43,87
2010	28,38
2011	44,80
2012	143,17

2013	154,04
2014	101,51
2015	1221,06
2016	3159,89
2017	3808,16
2018	5273,91
2019	5876,83
2020	6101,37
2021	7306,70
2022	8959,40
2023	9119,28

4.4. FINANCIAMENTO PÚBLICO

Ao menos desde 2002 a Plaszom tem utilizado financiamentos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), exceto nos anos entre 2015 e 2020. Foram 118 operações realizadas desde então em duas linhas de crédito, a primeira pelo BNDES Automático, destinado a empresas de todos os setores, e a segunda pelo FINAME, uma subsidiária do BNDES voltada à concessão de crédito para a aquisição de máquinas e equipamentos industriais. Foram mais de 193 milhões financiados (em valores corrigidos pelo IPCA) ao longo dos anos evidenciados na tabela 6 abaixo, apenas R\$10 milhões foram pela modalidade BNDES Automático, o restante pelo FINAME.

Tabela 6: Valor das operações da Plaszom por ano corrigidos pelo IPCA (Abril, 2024)

Ano	Valor da operação (R\$)
2002	19.883.807
2003	7.830.389
2004	22.034.702
2005	1.902.107
2006	23.024.023
2007	17.132.658
2008	14.272.571
2009	8.505.537

2010	7.234.190
2011	2.555.082
2012	9.600.474
2013	8.709.913
2014	24.142.105
2015	0,00
2016	0,00
2017	0,00
2018	0,00
2019	0,00
2020	0,00
2021	16.024.622
2022	7.562.672
2023	3.132.551
Total	193.547.403

Fonte: BNDES, 2024.

A utilização destes recursos demonstra a importância do financiamento público para o desenvolvimento da indústria nacional. Isto, extrapola a ideia de um estado que unicamente fornece as bases fundamentais da infraestrutura de um país. Com a realocação destes recursos através do FINAME, é possível que as empresas incrementem sua capacidade produtiva com a compra de novos maquinários de origem nacional sem que comprometam imediatamente suas reservas financeiras. Portanto, as empresas que utilizam estas modalidades de financiamento, ampliam seus parques produtivos, criando, por intermédio do Estado, mais postos de trabalho.

A tabela 7 mostra o valor de financiamento feito pelas empresas do FCO Group desde 2002, sendo elas Plaszom, GDM Plásticos e Parnaplast, entretanto não foram considerados valores das operações anteriores à aquisição da Parnaplast em 2005. Novamente a modalidade FINAME foi predominante neste panorama, sendo pouco mais de R\$62 milhões do total pela BNDES Automático. Foram 155 operações

realizadas, 20 referentes à Parnaplast e 17 à GDM, as 118 operações restantes são da Plaszom, como mencionado anteriormente.

Tabela 7: Valor corrigido pelo IPCA (Abril, 2024) de financiamento do BNDES feito pelas empresas do FCO Group

Ano	Valor da operação (R\$)
2002	19.883.807
2003	7.830.389
2004	22.034.702
2005	5.177.368
2006	23.024.023
2007	25.361.583
2008	38.162.424
2009	11.929.170
2010	17.545.952
2011	2.872.864
2012	9.600.474
2013	22.593.616
2014	26.433.461
2015	9.077.756
2016	533.407
2017	1.276.796
2018	375.308
2019	8.903.891
2020	0,00
2021	17.704.555
2022	7.837.015
2023	5.177.923
Total	283.336.484

Fonte: BNDES, 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria plástica em Orleans não é um fenômeno isolado. Ela é resultado de um arranjo histórico complexo dependente de múltiplos fatores socioeconômicos e geográficos. Sua origem em Santa Catarina remonta às fábricas da Companhia Hans, atual Tigre, bem como à expansão do complexo petrolífero no Rio Grande do Sul. O advento da indústria plástica na região reforça a ideia da diversificação econômica catarinense, que se difere em particularidades em cada região do estado.

Atualmente este setor industrial se tornou um destaque na economia regional, sendo também um grande gerador de postos de trabalho. Isto, se deve não apenas pela habilidade empreendedora, mas também pelo suporte estratégico das políticas públicas que firmaram as bases do desenvolvimento industrial no sul-catarinense. Além do financiamento público direto através do BNDES para compras de maquinários na ordem de R\$283 milhões.

A fundação da Zomer Indústria de Plásticos, atual Embalagens Plaszom, em 1967, deu início ao setor plástico no município de Orleans. A empresa, originalmente dedicada à produção de mangueiras de polietileno para uso agrícola e doméstico, diversificou-se ao longo das décadas para incluir outros segmentos de produtos plásticos como embalagens, sacolas, potes e bandejas, descontinuando determinadas linhas de produtos, como as próprias mangueiras, que não mais faziam sentido a partir de um determinado contexto. Este desenvolvimento refletiu uma estratégia de acumulação de capital e expansão de mercado.

Estas expansões de suas operações sucederam-se em múltiplos aspectos, ou seja, ampliou seu parque fabril e quadro de trabalhadores, diversificou sua linha de produtos, inaugurou novas unidades produtivas e modernizou seus processos. E a partir da acumulação de capital, foi possível a abertura e aquisição de novas empresas para formar o FCO Group, que ultrapassa os limites orleanenses com empresas em diversos estados brasileiros.

Em síntese, a história da Embalagens Plaszom exemplifica a transformação econômica de Orleans como resultado de fatores históricos, geográficos e sociais que interagem para moldar o desenvolvimento industrial na região. É uma empresa que, como demonstrado pelas recentes ampliações, ainda conta com expectativas de crescimento.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a histórias**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOSSLE, Ondina Pereira. **Henrique Lage e o desenvolvimento sul catarinense**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

DALL'ALLBA, João Leonir. **Colonos e Mineiros no Grande Orleans**. Orleans: Edição do Autor, Instituto São José, 1986.

EMBALAGENS PLASZOM. **Revista Plaszom 50 anos**. Orleans, 2017.

EMBALAGENS PLASZOM. **O Pla: 1994 — 2000**. Orleans: s.n., 2000.

Empregos e Estabelecimentos. **Observatório FIESC**. Disponível em: <https://observatorio.fiesc.com.br/paineis/empregos-e-estabelecimentos>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

GASTALDON, Murialdo Canto. **O Segmento Plástico No Sul Catarinense: Uma Abordagem Sobre A Situação Recente À Luz Da Problemática Dos Clusters e Distritos Industriais**. Dr. Hoyedo Nunes Lins. 2000. 237 p. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2000.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica De Santa Catarina**. 3. ed. Florianópolis: Edefsc, 2016.

GOULARTI FILHO, Alcides. **História de Empresas: Um Roteiro Possível**. Revista de Economia, Curitiba, v. 44, n. 84, p. 915-930, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/88331/51396>. Acesso em: 29 de fev. de 2024.

GOULARTI FILHO, Alcides. **O planejamento estadual em Santa Catarina de 1955 a 2002**. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 627-660, jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/view/2096/2478>. Acesso em: 24 de maio. de 2024.

O Diagnóstico. **Plano de Desenvolvimento AMREC**. Disponível em: <https://pdseamrec.unesc.net/diagnostico/>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

SANTOS, Milton. **Sociedade E Espaço: A Formação Social Como Teoria E Como Método**. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, 1977.

SCHEFFER, Janaina Rodrigues. **Arranjo Produtivo De Materiais Plásticos Na Região Sul De Santa Catarina: Um Estudo Sobre A Capacitação Tecnológica Das Micro E Pequenas Empresas**. Dr. Silvio Antônio Ferraz Cário. 2004. 180p. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis: 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86735/229648.pdf?sequence=>

1&isAllowed=y%3E.%20Acesso%20em%2026%20de%20abril%20de%202016.
Acesso em: 11 de set. de 2023.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

TUROSSI, K.L.; SCHLICKMANN, P. H.; BORTOLATTO, M. S. R.; WARMELING, B. **Formação Do Arranjo Produtivo Plástico No Sul Catarinense: Histórico E Projeções**. Revista Formação (ONLINE) Vol. 1; n. 24, jan-abril/2017. 96-113. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4883>. Acesso em: 11 de set. de 2023.

ZOMER, Elzira Berger. **Resgate Histórico dos Anos 70 em Orleans**. Orleans: s.n., 2013.